

Friedrich Engels
**UMA BREVE
BIOGRAFIA DE
KARL MARX**



© desta edição, Boitempo, 2019
Edição original alemã: “Karl Marx”, *Volks-Kalender für das Jahr 1878*,
Braunschweig, 1877.

Direção editorial Ivana Jinkings
Edição André Albert
Assistência editorial Artur Renzo e Carolina Mercês
Tradução Claudio Cardinali
Preparação Thais Rimkus
Revisão Andréa Bruno
*Diagramação e
coordenação de produção* Livia Campos
Capa Heleni Andrade
(sobre ilustrações de Loredano)

Exemplar de cortesia. É vedada a comercialização deste livreto,
bem como a reprodução de qualquer parte dele sem a expressa
autorização da editora.

Este livreto contou com o apoio da gráfica Rettec,
da International Paper e da Labate Papéis.



INTERNATIONAL PAPER



1ª edição: abril de 2019

Impresso em papel Chambril Avena 80 g/m²,
da International Paper, pela gráfica Rettec.

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

BOITEMPOEDITORIAL.COM.BR

 /blogdaboitempo.com.br

 /boitempo

 @editoraboitempo

 /tvboitempo

 @boitempo

Escrito em junho de 1877 por Friedrich Engels, o artigo “Karl Marx”¹ foi publicado no mês seguinte no anuário *Volks-Kalender für das Jahr 1878* [Calendário popular para 1878], em Braunschweig, Alemanha. Engels já havia redigido pequenos textos para a imprensa com informações sobre a vida de seu amigo em 1869, 1871 e 1873. Bastante mais extenso, este é o primeiro a discorrer conjuntamente sobre as diferentes esferas de atuação pública de Marx e sua contribuição teórica.

Responsável pela primeira fundamentação científica do socialismo – e, com isso, de todo o movimento operário de nossa época –, Karl Marx nasceu em Trier, em 1818. Começou os estudos em ciências jurídicas em Bonn e Berlim, mas logo passou a dedicar-se exclusivamente à história e à filosofia. Até 1842, pretendia habilitar-se à livre-docência [*Dozent*] em filosofia; foi quando o movimento político iniciado após a morte de Frederico Guilherme III da Prússia o obrigou a mudar os planos. Com sua colaboração, os chefes da burguesia liberal renana – os Camphausen, os Hansemann etc. – fundaram a *Gazeta Renana*, em Colônia; então, no outono de 1842, Marx, cuja crítica às negociações do Parlamento Provincial Renano havia causado enorme alarido, foi convocado para editar o jornal. É evidente que a *Gazeta Renana* foi publicada sob censura; contudo, a censura não se impôs por completo sobre o periódico*, que quase sempre conseguia publicar os artigos mais importantes; primeiro, entregava-se ao censor material de menor importância, e então ele ia validando, até que aprovasse todo o conteúdo – por conta própria ou forçado pela ameaça de, no dia seguinte, o jornal não chegar a ser publicado. Bastaria a existência de dez gazetas com a mesma coragem que a *Renana*, mas com editores que gastassem algumas centenas de

¹ Traduzido a partir da edição constante em MEGA, I/25 (Berlim, Dietz, 1985), p. 100-11. As notas assinaladas com asteriscos são do próprio Engels; as numeradas, da edição ou da tradução, conforme for indicado. (N. E.)

* O primeiro censor da *Gazeta Renana* foi o conselheiro de polícia Dolleschall, o mesmo que censurou o anúncio da tradução de *A divina comédia*, de Dante [Alighieri], feita por Philaethes (que se tornou depois o rei João da Saxônia), publicado na *Gazeta de Colônia* com o seguinte comentário: “Com coisas divinas não se deve fazer comédia”.

táleres a mais na composição tipográfica, para que, já em 1843, a censura se tornasse impraticável na Alemanha. No entanto, os donos de jornais alemães eram conservadores mesquinhos e medrosos, e a *Gazeta Renana* teve de tocar a luta sozinha. Ela derrotou um censor após o outro, até que, enfim, passou a enfrentar uma dupla censura: depois da primeira, o presidente distrital a censurava de novo, de maneira definitiva. No entanto, nem isso funcionou. No início de 1843, o governo declarou que não havia como controlar o jornal e, sem hesitar, o extinguiu.

Marx, que nesse meio-tempo se casara com a irmã do futuro ministro da reação Von Westphalen², mudou-se para Paris, onde passou a publicar, com Arnold Ruge, os *Anais Franco-Alemães*. Nesse periódico, ele iniciou sua série de escritos socialistas com uma crítica à filosofia do direito de Hegel. Além disso, escreveu, com Friedrich Engels, *A sagrada família: contra Bruno Bauer e consortes*³, crítica satírica a uma das últimas formas assumidas pelo idealismo filosófico alemão da época.

Em paralelo aos estudos de economia política e da história da grande Revolução Francesa, Marx ainda encontrou tempo de criticar, ocasionalmente, o governo prussiano, que, na primavera de 1845, se vingou: por influência da Prússia – ao que parece, o senhor Alexander von Humboldt intermediou a questão⁴ –, Marx foi deportado da França, à época governada por Guizot. Ele se transferiu, então, para Bruxelas, onde publicou, em francês, “Discours sur le libre-échange” [Tratado sobre o livre-comércio] (1848) e *Misère de la philosophie* [Miséria da filosofia] (1847), uma crítica de *Philosophie de la misère* [Filosofia da miséria], de Proudhon⁵. Ao mesmo tempo, teve a oportunidade de contribuir em uma associação de trabalhadores alemães em Bruxelas, entrando, assim, no mundo da agitação prática. Esta se tornou ainda mais importante para Marx em 1847,

² Ferdinand Otto Henning von Westphalen (1799-1876), ministro do Interior no período conhecido como “Era da Reação”, posterior à repressão da Revolução de 1848 nos Estados da Confederação Germânica. (N. E.)

³ No original, o título da obra aparece nessa forma resumida. Ver Karl Marx e Friedrich Engels, *A sagrada família, ou A crítica da crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes* (trad. Marcelo Backes, São Paulo, Boitempo, 2003). (N. E.)

⁴ O geógrafo e naturalista prussiano Alexander von Humboldt (1769-1859), um liberal favorável à monarquia constitucional, tinha relações próximas com o rei Luís Felipe da França e, por isso, intermediou diversas questões entre as duas nações. (N. E.)

⁵ Karl Marx, *Miséria da filosofia* (trad. José Paulo Netto, São Paulo, Boitempo, 2017); Pierre-Joseph Proudhon, *Sistema das contradições econômicas ou Filosofia da miséria* (trad. José Carlos Orsi Morel, São Paulo, Ícone, 2003). (N. E.)

quando ele e seus aliados políticos ingressaram na Liga dos Comunistas, que já existia, clandestinamente, havia muitos anos. Nesse momento, a estrutura toda foi revirada; aquela associação, até então mais ou menos conspiratória, transformou-se em uma simples organização de propaganda comunista – mas clandestina por necessidade –, a *primeira* organização do Partido Social-Democrata Alemão. A liga estava onde quer que houvesse associações de trabalhadores alemães. Quase todas as associações da Inglaterra, da Bélgica, da França, da Suíça e muitas associações da Alemanha tinham como líder um membro da liga. Foi grande sua importância para o movimento operário alemão emergente. Além disso, nossa liga foi a primeira organização a destacar o caráter internacional do movimento operário como um todo, demonstrando-o na prática: havia membros ingleses, belgas, húngaros, poloneses etc., e organizavam-se, em Londres, assembleias internacionais de trabalhadores.

A reestruturação da liga ocorreu em dois congressos em 1847, e no segundo decidiu-se que os princípios do partido seriam compilados e publicados em um manifesto que Marx e Engels redigiriam. Assim nasceu o *Manifesto do Partido Comunista*⁶, impresso pela primeira vez em 1848, pouco antes da Revolução de Fevereiro⁷; desde então, o texto foi traduzido para quase todas as línguas europeias.

A *Gazeta Alemã de Bruxelas*, que contava com a contribuição de Marx e na qual a bem-aventurança da polícia patriótica era denunciada sem piedade, foi a causa de mais uma reação do governo da Prússia, que tentou – em vão – a extradição de Marx. No entanto, quando a Revolução de Fevereiro chegou a Bruxelas com movimentos populares e a Bélgica pareceu estar prestes a passar por transformações, o governo belga não hesitou em prender Marx e deportá-lo. Nesse ínterim, o governo provisório da França, por influência de Flocon⁸, chamou-o de volta a Paris, convite que ele logo aceitou.

Em Paris, Marx confrontou principalmente a tolice difundida entre os alemães que lá estavam; segundo eles, os trabalhadores alemães deveriam formar, na França, legiões armadas para, com elas, introduzir na Alemanha a revolução e

⁶ Popularizado depois como *Manifesto Comunista* (trad. Álvaro Pina, São Paulo, Boitempo, 1998). (N. E.)

⁷ Revolução que derrubou o rei Luís Felipe I da França, instaurando a Segunda República. (N. E.)

⁸ Ferdinand Flocon (1800-1866), integrante da ala reformista do governo provisório republicano francês. Liberal antibonapartista, acolheu nas páginas de *La Réforme*, jornal que editava, artigos de socialistas como Proudhon, Marx e Engels. (N. E.)

a república. Por um lado, a Alemanha deveria fazer sua própria revolução; por outro, toda legião revolucionária que se formava na França estava sendo delatada desde o início pelos Lamartines⁹ do governo provisório aos respectivos governos ameaçados – assim ocorreu na Bélgica e em Baden.

Após a Revolução de Março¹⁰, Marx se mudou para Colônia e fundou a *Nova Gazeta Renana*, que funcionou do dia 1º de junho de 1848 ao dia 19 de maio de 1849. Era o único jornal que, dentro do movimento democrático da época, defendia o ponto de vista do proletariado, por exemplo, por meio do apoio incondicional aos insurgentes parisienses de junho de 1848, fato que afastou do periódico quase todos os acionistas. Em vão, a *Gazeta da Cruz*¹¹ advertiu da “audácia de Chimborazo”¹² com a qual a *Nova Gazeta Renana* teria atacado tudo que era sagrado, desde o rei e o regente substituto até a guarda militar – isso em uma fortaleza prussiana com, à época, mais de 8 mil homens estacionados; em vão, praguejou o filistério¹³ renano liberal, que se tornara, repentinamente, reacionário; em vão, no outono de 1848, a gazeta foi suspensa por um longo período, em decorrência do estado de sítio declarado em Colônia; em vão, o Ministério Real da Justiça de Frankfurt solicitou à procuradoria pública de Colônia que perseguisse judicialmente um artigo após o outro; apesar do controle policial, a gazeta continuou sendo redigida e impressa com tranquilidade, e sua difusão e sua fama cresciam proporcionalmente à intensidade dos ataques ao governo e à burguesia. Após o golpe de Estado prussiano em novembro de 1848, a *Nova Gazeta Renana* passou a convocar o povo, no topo de cada edição, a não pagar os impostos e a combater violência com violência. Por isso – e também em virtude de outro artigo¹⁴ –, o periódico foi levado aos tribunais duas vezes na primavera

⁹ Referência ao poeta e político francês Alphonse de Lamartine (1790-1869), um dos líderes do governo provisório. (N. E.)

¹⁰ Insurreição operária ocorrida em Berlim em 18 de março de 1848, estopim da Revolução de 1848 nos Estados germânicos. (N. E.)

¹¹ Nome pelo qual era conhecida a conservadora *Nova Gazeta Prussiana*. (N. E.)

¹² Referência ao monte Chimborazo, no Equador, então considerado o mais alto da Terra. (N. E.)

¹³ Os filistérios eram grupos formados por ex-estudantes de determinada universidade ou região. Aqui, porém, há também referência a ser filistino. (N. T.)

¹⁴ O outro processo, aberto com base no Código Penal prussiano de 1819, resultou de uma acusação de calúnia ao procurador-geral renano Zweifel, em razão de uma nota sobre a prisão dos militantes comunistas Andreas Gottschalk e Fritz Anneke publicada em *Neue Rheinische Zeitung*, Colônia, n. 35, 5 jul. 1848, p. 1. Os discursos de defesa de Marx e Engels no processo foram publicados em seguida no mesmo periódico, sob o título “Der erste Preßprozeß der Neuen

de 1849, tendo sido absolvido em ambos os casos. Quando as revoltas de maio de 1849 em Dresden e na província do Reno foram sufocadas e a campanha militar prussiana contra a revolta de Baden-Palatinado foi iniciada – com a concentração e a mobilização de uma tropa de tamanho notável –, o governo acreditou ter força suficiente para reprimir à força a *Nova Gazeta Renana*. A última edição foi publicada – em tinta vermelha – no dia 19 de maio.

Marx regressou a Paris; contudo, poucas semanas depois dos protestos do dia 13 de junho de 1849, o governo francês lhe deu duas opções: ou se estabelecer na Bretanha¹⁵, ou deixar o país. Ele preferiu a segunda opção, mudando-se para Londres, onde morou a partir de então.

A tentativa de continuar publicando (em 1850) a *Nova Gazeta Renana*, mas em forma de revista (em Hamburgo), teve de ser abandonada em pouco tempo em razão da reação, que se tornava cada vez mais virulenta. Logo após o golpe de Estado na França, em dezembro de 1851, Marx publicou *O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Em 1853, escreveu “Revelações sobre o processo dos comunistas de Colônia” (publicado a princípio em Boston, depois na Basileia e recentemente em Leipzig).

Após a condenação dos membros da Liga dos Comunistas de Colônia, Marx se afastou da agitação política e passou a dedicar-se, por um lado, durante dez anos, ao profundo estudo do valioso tesouro da biblioteca do Museu Britânico na área de economia política e, por outro, à colaboração na *New York Tribune*, que publicou, antes do começo da Guerra Civil Estadunidense, tanto correspondências assinadas por ele quanto diversos editoriais sobre a situação na Europa e na Ásia. Seus ataques ao lorde Palmerston, embasados em análises detalhadas dos documentos oficiais ingleses, foram republicados em Londres em forma de panfletos¹⁶.

Rheinischen Zeitung” (n. 221, 14 fev. 1849) e podem ser encontrados em MEW, v. 6, p. 223-9. (N. E.)

¹⁵ Região no noroeste da França. (N. T.)

* Boston, 1852; segunda edição, Hamburgo, 1869, pouco antes da guerra. [Engels se refere à Guerra Franco-Prussiana. A primeira edição do texto foi, na realidade, publicada em Nova York, na revista *Die Revolution* (A Revolução), escrita em língua alemã. Ed. bras.: trad. Nélcio Schneider, São Paulo, Boitempo, 2011 – N. E.].

¹⁶ Série de oito artigos publicados em 1853 pelo jornal nova-iorquino *New York Tribune*. No Reino Unido, após a impressão esparsa em jornais e panfletos, os textos foram publicados sequencialmente no periódico *Free Press*, entre novembro de 1855 e fevereiro de 1856. Os artigos sobre lorde Palmerston foram mais tarde coligidos e revistos por Eleanor Marx em *The Story of the Life of Lord Palmerston* (Londres, Swan Sonnenschein, 1899). (N. E.)

O primeiro fruto dos muitos anos de estudos econômicos foi publicado em 1859: *Contribuição à crítica da economia política*, primeiro caderno*. Esse escrito contém a primeira exposição coerente da teoria marxiana do valor, incluindo a teoria do dinheiro. Durante a guerra italiana¹⁷, Marx combateu – por meio do jornal alemão *O Povo*, publicado em Londres – o bonapartismo, que à época ganhava tons liberais e se fazia de libertador das nacionalidades oprimidas, assim como a política prussiana da época, que tentava, sob o pretexto da neutralidade, pescar em águas turvas. Nessa ocasião, o senhor Karl Vogt¹⁸ também precisou ser atacado; a pedido do príncipe Napoleão (Plon-Plon)¹⁹ e a soldo de Luís Napoleão, ele defendera a neutralidade, e até a simpatia, da Alemanha. Vogt espalhou as mais infames calúnias, deliberadamente inventadas, sobre Marx, que respondeu em *Senhor Vogt* (Londres, 1860)²⁰; nele, Vogt e os outros senhores do equivocado bando de democratas imperialistas foram desmascarados – e demonstrou-se, com argumentos externos e internos, que Vogt era subornado pelo Império de Dezembro. A confirmação surgiu exatamente dez anos depois: na lista de mercenários bonapartistas encontrada nas Tulherias em 1870 e publicada pelo governo de setembro²¹, encontrava-se, na letra V: “Vogt, em agosto de 1859, recebeu... 40 mil francos”.

Finalmente, em 1867, foi publicado, em Hamburgo, o Livro I de *O capital: crítica da economia política*²² – obra mais importante de Marx, na qual ele expôs os fundamentos de suas concepções econômico-socialistas e os principais traços de sua crítica da sociedade atual, do modo de produção capitalista e de suas

* *Zur Kritik der Politischen Ökonomie* (Berlim, F. Duncker, 1859) [ed. bras.: *Contribuição à crítica da economia política*, trad. Florestan Fernandes, São Paulo, Expressão Popular, 2003].

¹⁷ Referência ao conflito em que o Reino da Sardenha se aliou à França para combater o Império Austro-Húngaro e dele tomar as terras de população considerada italiana. (N. E.)

¹⁸ Karl Vogt (1817-1895), cientista, filósofo e político alemão radicado na Suíça. Para mais informações sobre a querela entre Vogt e Marx, ver Marcello Musto, “Marx e o caso Vogt: apontamentos para uma biografia intelectual (1860-1861)”, disponível *on-line* em: <www.marcellomusto.org>. (N. E.)

¹⁹ Primo de Luís Bonaparte, deputado eleito pela Córsega em 1848 e, depois, ocupante de diferentes cargos no governo de Napoleão III. (N. E.)

²⁰ Ed. port.: Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1976. (N. E.)

²¹ Governo provisório, composto de republicanos e monarquistas, que assumiu o comando da França após a derrubada do imperador Napoleão III. As Tulherias eram a sede do governo imperial. (N. E.)

²² Karl Marx, *O capital: crítica da economia política*, Livro I: *O processo de produção do capital* (trad. Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2013). (N. E.)

consequências. A segunda edição dessa obra histórica foi publicada em 1872; o segundo volume ainda está sendo elaborado pelo autor²³.

Nesse meio-tempo, em diferentes países da Europa, o movimento dos trabalhadores havia retomado tanta força que Marx pôde pensar em realizar um desejo antigo: fundar uma associação de trabalhadores que abrangesse os mais avançados países da Europa e da América e que fizesse com que tanto os próprios trabalhadores como os burgueses e os governos sentissem, digamos assim, na pele o caráter internacional do movimento socialista – a fim de encorajar e fortalecer o proletariado e aterrorizar seus inimigos. A oportunidade de apresentar a ideia – que foi recebida com euforia – apareceu no St. Martin's Hall, em Londres, no dia 28 de setembro de 1864, em uma assembleia popular a favor da Polônia, que estava sendo, mais uma vez, esmagada pela Rússia. Criou-se, assim, a Associação Internacional dos Trabalhadores; elegeu-se, na ocasião, um conselho geral provisório sediado em Londres, do qual Marx seria a alma – assim como de todos os conselhos gerais que se seguiram até o Congresso de Haia²⁴. Quase todos os escritos emitidos pelo conselho geral da Internacional foram redigidos por ele, da mensagem inaugural de 1864 à missiva de 1871 sobre a guerra civil na França²⁵. Descrever a atuação de Marx na Internacional seria escrever a história da própria associação, que, por sinal, ainda vive na memória dos trabalhadores europeus.

Com a queda da Comuna de Paris, a Internacional se viu em uma situação impossível. Ela foi empurrada para a frente da história europeia num momento em que lhe haviam podado qualquer chance de ação prática bem-sucedida. Os acontecimentos que a elevaram à sétima grande potência impossibilitaram-na, ao mesmo tempo, de mobilizar suas forças de combate e de utilizá-las de forma ativa, pois, se o fizesse, sofreria uma derrota inevitável, e o movimento dos trabalhadores retrocederia décadas. Além disso, havia pessoas, motivadas por vaidade ou ambição pessoal, tentando explorar o rápido crescimento da reputação da associação sem de fato compreender a situação da Internacional ou desconsiderando-a. Uma decisão heroica teve de ser tomada e, mais uma vez, foi Marx quem fez isso, pondo-a em prática no Congresso de Haia. Em uma deliberação solene, a Internacional declarou não ser responsável pelos atos dos bakuninistas, que representavam o

²³ O Livro II foi publicado sete anos depois deste artigo, em 1885, após a morte de Marx. (N. E.)

²⁴ Em setembro de 1872. (N. T.)

²⁵ Karl Marx, *A guerra civil na França* (trad. Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2011), p. 35-79. (N. E.)

núcleo daqueles elementos ignorantes e imundos [*unverständigen und unsaubern*]; assim, dada a impossibilidade de opor-se à reação geral – e às crescentes exigências impostas à associação – com máxima eficiência, sem a série de sacrifícios que faria o movimento dos trabalhadores sangrar até a morte, dadas as impossibilidades, a Internacional se retirou provisoriamente de cena, transferindo seu conselho geral para a América. Os acontecimentos posteriores comprovaram que essa decisão – muito criticada desde então – foi correta. Por um lado, todas as tentativas inúteis de golpes em nome da Internacional eram e se mantiveram ineficazes; por outro, as constantes trocas internas entre os partidos socialistas dos trabalhadores dos diferentes países provou que a consciência – despertada pela Internacional – da igualdade dos interesses e da solidariedade do proletariado de todos os países se fazia valer mesmo sem o vínculo com uma associação internacional formal.

Enfim, depois do Congresso de Haia, Marx encontrou novamente o sossego e a tranquilidade para continuar seus trabalhos teóricos; em breve, ele poderá, assim se espera, entregar para a impressão o Livro II de *O capital*.

Das muitas descobertas importantes com que Marx gravou seu nome na história da ciência, destacamos apenas duas.

A primeira diz respeito à revolução [*Umwälzung*] que ele realizou na compreensão geral da história mundial. Até então, toda a concepção de história se baseava na ideia de que era preciso procurar as causas últimas das mudanças históricas nas transformações das ideias dos homens e de que, de todas as mudanças históricas, mais uma vez, as políticas seriam as mais importantes, dominando toda a história. Contudo, não se questionava qual seria a origem das ideias dos homens nem quais seriam as forças motrizes das mudanças políticas. Apenas na mais recente escola historiográfica francesa e, em parte, também na inglesa se impôs a convicção de que, ao menos a partir da Idade Média, a força motriz na história europeia teria sido a luta pela dominação política e social travada entre a burguesia em desenvolvimento e a nobreza feudal. Marx comprovou, enfim, que toda a história, até agora, tem sido uma história de luta de classes e que todas as lutas políticas – frequentes e complexas – representam apenas lutas pela dominação política e social por parte de classes da sociedade, sendo que a classe mais antiga afirma a dominação, enquanto a mais nova e ascendente tenta conquistá-la. Como surgem e como se mantêm, por sua vez, essas classes? Surgem a partir das respectivas condições materiais, deveras sensíveis, sob as quais a sociedade, em determinada época, produz e troca meios de subsistência. O domínio feudal na Idade Média

baseava-se em uma economia de pequenas comunidades agrícolas autossuficientes que produziam praticamente tudo de que necessitavam, quase não precisavam da troca e eram protegidas pela nobreza combativa, que garantia uma coesão nacional ou, ao menos, política. Quando as cidades surgiram – e com elas uma indústria-oficina específica e um comércio a princípio intrarregional e depois internacional –, a burguesia urbana se desenvolveu e conseguiu, ainda na Idade Média, inserir-se na ordem feudal lutando contra a nobreza, logrando ocupar também posição privilegiada. No entanto, com a descoberta das terras para além da Europa a partir de meados do século XV, essa burguesia obteve uma área de comércio bastante ampla e, com isso, nova força para sua indústria. Nos mais importantes ramos, as oficinas foram suplantadas pela manufatura já com traços fabris; esta, por sua vez, foi suplantada pela grande indústria (possibilitada pelas invenções do século anterior, a saber, as máquinas a vapor), que, por sua vez, impactou o comércio, a ponto de, nos países atrasados, substituir o antigo trabalho manual e, nos mais desenvolvidos, criar os novos e atuais meios de transporte, as máquinas a vapor, os trens de ferro, os telégrafos elétricos. Assim, a burguesia passava a reunir cada vez mais as riquezas e o poder da sociedade, sendo excluída, contudo, do poder político, que ainda ficaria por muito tempo nas mãos da nobreza e das realezas por ela apoiadas. Em certa etapa – na França, desde a grande revolução –, porém, a burguesia também conquistou o poder político, tornando-se assim a classe dominante em relação ao proletariado e aos pequenos agricultores. Desse ponto de vista, fica muito simples explicar todos os fenômenos históricos – desde que se compreenda suficientemente a situação econômica da sociedade em questão, algo que nossos historiógrafos profissionais desconhecem por completo; e é igualmente simples explicar as concepções e as ideias de cada período da história a partir das condições econômicas de vida e das relações sociais e políticas desse período, sendo estas últimas, por sua vez, determinadas pelas condições econômicas. Pela primeira vez, a história foi posta sobre seus fundamentos reais; o fato evidente, mas até agora totalmente ignorado, de que os homens precisam, sobretudo, comer, beber, morar e se vestir, ou seja, *trabalhar* antes de poder lutar pela dominação, antes de poder fazer política, religião, filosofia etc. – esse fato evidente alcança agora, finalmente, seu direito histórico.

Para a perspectiva socialista, essa nova concepção da história foi da maior importância. Ela comprovou que toda a história até hoje se move por antagonismos de classe e por lutas de classe, que sempre houve classes dominantes e dominadas,

exploradoras e exploradas, e que a maior parte da humanidade sempre esteve condenada a trabalho pesado e pouca fruição. Por que isso? Simplesmente porque em todas as etapas anteriores de desenvolvimento da humanidade a produção ainda estava tão pouco desenvolvida que o desenvolvimento histórico só pôde se dar em forma de antagonismos, de modo que o progresso dependia, de maneira geral, das atividades de uma pequena minoria privilegiada, enquanto a grande massa era condenada a trabalhar por sua subsistência miserável e, ainda por cima, sustentar os privilegiados, que enriqueciam cada vez mais. Contudo, a mesma análise da história que, desse modo, explica natural e racionalmente a dominação de classes – que até então era atribuída apenas à maldade do homem – permite ainda compreender que, em consequência do crescimento colossal das forças produtivas contemporâneas, caiu também o último pretexto para uma divisão da humanidade em dominantes e dominados, exploradores e explorados, ao menos nos países mais desenvolvidos; que a grande burguesia dominante cumpriu sua função histórica, que ela não é mais capaz de guiar a sociedade e que até se tornou um empecilho ao desenvolvimento da produção, como demonstram as crises comerciais, em especial a última grande crise e a difícil situação da indústria em todos os países; que a condução da história foi transferida ao proletariado, uma classe que, de acordo com sua posição na sociedade, só pode se libertar por meio da eliminação completa de toda dominação de classes, toda servidão e toda exploração; e que as forças produtivas – que extrapolaram das mãos da burguesia – apenas aguardam que o proletariado associado se aproprie delas, a fim de criar condições para que cada membro da sociedade participe não só da produção mas também da divisão e da administração das riquezas sociais, e a fim de melhorar as forças produtivas da sociedade, aumentando as receitas por meio da organização planificada de toda a produção, de modo que se assegure, cada vez mais, a satisfação de todas as necessidades racionais de cada pessoa.

A segunda descoberta importante de Marx diz respeito ao esclarecimento definitivo da relação entre capital e trabalho – em outras palavras, a demonstração de como se realiza a exploração do trabalhador pelo capitalista na sociedade atual, no modo de produção capitalista existente. Desde que a economia política propôs a teoria de que o trabalho seria a fonte de toda riqueza e todo valor, tornou-se inevitável esta pergunta: como é possível, então, conciliar isso com o fato de que os trabalhadores assalariados não recebem a soma do valor total produzido por seu trabalho, mas precisam ceder uma parte ao capitalista? Tanto os economistas burgueses quanto os socialistas procuraram, à exaustão,

uma resposta cientificamente fundamentada para essa pergunta – em vão. Até que Marx, finalmente, apareceu com a solução, a saber: o modo de produção capitalista atual pressupõe a existência de duas classes sociais; de um lado, a dos capitalistas, que possuem os meios de produção e de vida²⁶; de outro, a dos proletários, que, impossibilitados de possuir esses meios, só têm uma mercadoria para vender, sua força de trabalho. Estes precisam vender sua força de trabalho àqueles a fim de obter seus meios de vida. No entanto, o valor de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho socialmente necessária incorporada em sua produção e, portanto, em sua reprodução; logo, o valor da força de trabalho de uma pessoa média durante um dia, um mês ou um ano é determinado pela quantidade de trabalho incorporada nos meios de vida necessários para a manutenção dessa força de trabalho em um dia, um mês ou um ano. Consideremos que a produção dos meios de vida necessários para sustentar um trabalhador por um dia requeiram seis horas de trabalho ou, o que dá no mesmo, que o trabalho contido nesses meios representem uma quantidade de trabalho de seis horas; assim, o valor da força de trabalho durante um dia se expressará em uma quantidade de dinheiro que também incorpora seis horas de trabalho. Consideremos, além disso, que o capitalista que emprega nosso trabalhador lhe pague essa quantia, ou seja, o valor pleno de sua força de trabalho. Se o trabalhador, em um dia, trabalha seis horas para o capitalista, então suas despesas foram integralmente repostas – seis horas de trabalho por seis horas de trabalho. Nesse caso, contudo, não sobraria nada para o capitalista, que, por isso, vê as coisas de outra maneira: “Eu não compreí a força de trabalho desse trabalhador por seis horas, mas por um dia inteiro”, diz ele; assim, faz com que o empregado trabalhe, a depender das circunstâncias, oito, dez, doze, catorze e até mais horas, de modo que o produto da sétima, da oitava e das demais horas seguintes seja produto de um trabalho não pago que vai direto para o bolso do capitalista. Assim, o trabalhador a serviço do capitalista não reproduz apenas o valor de sua força de trabalho – que lhe é pago –, mas produz também um *mais-valor*, que, a princípio apropriado pelo capitalista, se distribui posteriormente por toda a classe capitalista de acordo com determinadas leis econômicas, formando a base da qual surgem a renda da terra, o lucro, a acumulação de capital, enfim, todas as riquezas consumidas ou acumuladas pelas classes ociosas. Com

²⁶ *Lebensmittel* também pode ser traduzido como “alimentos”. Como o contexto e a própria menção anterior de Engels deixam claro, não se trata apenas de comida, mas também de vestimenta, moradia etc. Por isso, o termo foi traduzido de forma mais literal como “meios de vida”. (N. T.)

isso, comprovou-se que a obtenção de riquezas dos capitalistas atuais baseia-se também na apropriação de trabalho alheio e não pago, assim como aconteceu com os proprietários de escravos ou com a exploração da servidão por parte dos senhores feudais, e que todas essas formas da exploração se diferenciam apenas em relação ao modo pelo qual o trabalho não pago é apropriado. Com isso, todo o falatório hipócrita das classes possuidoras de que, na atual ordem social, prevaleceriam o direito e a justiça, a igualdade de direitos e deveres e a harmonia geral dos interesses perdeu seu último apoio, e a atual sociedade burguesa foi desmascarada, mostrando-se, assim como sua predecessora, uma gigantesca instituição de exploração da grande maioria do povo por uma minoria que se torna cada vez menor.

Esses dois importantes fatos fundamentam o socialismo científico moderno. No Livro II de *O capital*²⁷, essas e outras tão importantes descobertas científicas sobre o sistema social capitalista continuarão sendo desenvolvidas e, com isso, os aspectos da economia política que ainda não foram analisados no Livro I serão revolucionados. Esperamos que Marx consiga, em breve, entregá-lo para a impressão.

²⁷ Karl Marx, *O capital: crítica da economia política*, Livro II: *O processo de circulação do capital* (trad. Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2014). (N. E.)

COLEÇÃO MARX-ENGELS DA BOITEMPO

O 18 de brumário de Luís Bonaparte

Karl Marx

Anti-Dühring: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring

Friedrich Engels

O capital: crítica da economia política, Livro I: O processo de produção do capital

Karl Marx

O capital: crítica da economia política, Livro II: O processo de circulação do capital

Karl Marx

Edição de **Friedrich Engels**

O capital: crítica da economia política, Livro III: O processo global da produção capitalista

Karl Marx

Edição de **Friedrich Engels**

Crítica da filosofia do direito de Hegel

Karl Marx

Crítica do Programa de Gotha

Karl Marx

Os despossuídos: debates sobre a lei referente ao furto de madeira

Karl Marx

A diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro

Karl Marx

Escritos ficcionais:

Escorpião e Félix/ Oulanem

Karl Marx

Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858 – Esboços da crítica da economia política

Karl Marx

A guerra civil na França

Karl Marx

A ideologia alemã

Karl Marx e Friedrich Engels

Lutas de classes na Alemanha

Karl Marx e Friedrich Engels

As lutas de classes na França de 1848 a 1850

Karl Marx

Lutas de classes na Rússia

Karl Marx e Friedrich Engels

Manifesto Comunista

Karl Marx e Friedrich Engels

Manuscritos econômico-filosóficos

Karl Marx

Miséria da filosofia

Karl Marx

A origem da família, da propriedade privada e do Estado

Friedrich Engels

A sagrada família

Karl Marx e Friedrich Engels

A situação da classe trabalhadora na Inglaterra

Friedrich Engels

Sobre a questão da moradia

Friedrich Engels

Sobre a questão judaica

Karl Marx

Sobre o suicídio

Karl Marx

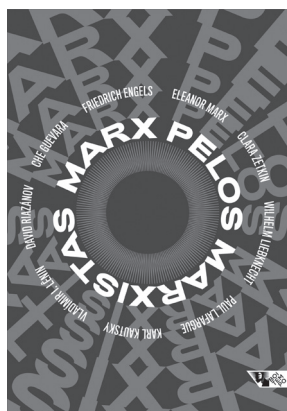
O socialismo jurídico

Friedrich Engels e Karl Kautsky

O primeiro escrito biográfico a reunir as trajetórias política e intelectual de Karl Marx.

Engels desenha, ainda em 1877, um retrato de seu maior amigo e colaborador. O texto passa em revista a formação, a atuação na imprensa, a organização do movimento dos trabalhadores e as principais contribuições teóricas de Marx até então, incluindo *O capital*.

Esta breve biografia é um dos achados reunidos pela Boitempo na antologia ***Marx pelos marxistas***. Em cerca de 300 páginas, o volume mostra como pessoas essenciais para a continuidade do legado do pensador e político alemão ajudaram a construir a imagem do homem Karl Marx.



MARX PELOS MARXISTAS

TEXTOS DE: FRIEDRICH ENGELS • VLADÍMIR LÊNIN • DAVID RIAZÁNOV
CLARA ZETKIN • ELEANOR MARX • MARIAN COMYN • PAUL LAFARGUE
WILHELM LIEBKNECHT • FRIEDRICH LESSNER • HENRY HYNDMAN
FRANZISKA KUGELMANN • KARL KAUTSKY • LUISE KAUTSKY

Maio de 2019 nas livrarias.

#LeiaMarx

Cadastre-se e receba as novidades da Boitempo: conteúdos exclusivos sobre nossas publicações e questões da atualidade: bit.ly/BOIDIA